

## O DISCURSO IDEOLÓGICO SOBRE O AMOR EM FREUD

**Augusto César Francisco<sup>1</sup>, Laurisa Alves Pereira<sup>2</sup>, Norma Missae Takeuti<sup>3</sup>**

<sup>1,3</sup> UFRN / PPG Ciências Sociais, Campus Universitário, BR 101 – Lagoa Nova / Natal / RN  
<sup>1</sup>guto\_chico@yahoo.com.br, <sup>2</sup>normatj@cchla.ufrn.br

<sup>2</sup> Colégio de Psicanálise do Brasil, Av. Praia de Tibau, 601 – Res. Zona Sul / Natal / RN  
<sup>2</sup>laurisalves@yahoo.com.br

**Resumo** – Neste artigo, nós damos continuidade a nossas reflexões sobre a presença da ideologia no discurso sobre o amor que Freud elabora para o conceito de “falo”, sendo este fatalmente ligado ao “pênis”, que, por sua vez, também é um elemento histórico. Através da discussão da Análise Crítica do Discurso, e de uma hermenêutica da ideologia através de três momentos de materialização (como prática social, como prática discursiva e como texto), fortalecemos a argumentação crítica de que o discurso freudiano sobre o amor é naturalizado e comunicado com a naturalização de dois modelos sexuais: o modelo de um só sexo e o modelo de sexos incomensuráveis, através do que fica exposta a dominação de gênero, no caso, a dominação masculina.

**Palavras-chave:** Discurso ideológico, Falo, Pênis, Amor

**Área do Conhecimento:** Ciências humanas

### Introdução

Em outra oportunidade interpretamos a presença da ideologia no discurso freudiano sobre o amor. Apesar de termos sido pouco claros em alguns momentos cruciais da última apresentação, continuamos com a mesma tese, porém, reforçando-a com argumentos mais consistentes e claros. Dizíamos que o conceito de falo era ideológico porque estava naturalizado ao termo anatômico “pênis”, o que resultava em dominação masculina (FRANCISCO, 2005).

Falhamos em duas coisas: a) não termos atentado para o fato de que o “pênis” é também um termo construído pela cultura, assim como o “falo”; e b) não termos articulado o discurso ideológico sobre o amor na elaboração teórica do conceito de falo. Nós nos munimos, nesse período de um ano que separa esta da última apresentação, da discussão antropológica sobre gênero e da discussão do campo chamado Análise Crítica do Discurso (ACD).

### Modelo de análise

Sobre a ideologia, optamos por estudá-la a partir da análise do discurso proposta por Fairclough (2001), tendo como nossa síntese o discurso ideológico. O autor coloca o problema da ideologia entre a prática social, a prática discursiva e o texto, os três momentos sendo intercambiáveis e dialeticamente determinantes.

Não estamos preocupados simplesmente com o discurso, mas com o discurso ideológico, o que naturaliza determinado evento discursivo materializado no texto. Revisando a contribuição de Althusser sobre a ideologia, Fairclough a

abandona em prol das formulações gramscianas de hegemonia (2001 p. 116-126). Consideramos, para nossos propósitos, as formulações gramscianas de hegemonia inadequadas para a análise discursiva da ideologia por olvidar justamente o trabalho crítico que desmonta o discurso ideológico.

Consideramos a noção de ideologia de Sousa Filho, construída a partir da Antropologia, importante para nossa análise. Segundo o autor, a “(...) *ideologia* é propriamente o que possibilita à cultura ser introjetada, assimilada, compartilhada e conservada, sem que os seus *padrões* sejam questionados ou recusados, em decorrência de não serem percebidos como *construídos, particulares, relativos e históricos*, mas como *dados, únicos, inevitáveis, necessários e imutáveis* – por meio do que se estabelece a dominação sobre os indivíduos em diversas formas” (2001, p. 31-32).

Respondemos a problemática, defendendo a seguinte hipótese: a prática social do amor, iminentemente ideológica quando imaginada pelo sujeito como dada, única, inevitável, necessária e imutável, está presente socialmente e, através da prática discursiva, é materializada no texto. Freud teria investido ideologicamente o evento discursivo do amor no texto sobre o “falo”, sustentando a relação de dominação de gênero.

### Sobre o falo e o pênis

Defendemos que o conceito de “falo”, no discurso freudiano, está fatalmente ligada à idéia do órgão anatômico “pênis”. O “falo”, sendo “a representação simbólica do pênis”, estaria fadado a caminhar sua existência com seu sinônimo, o

“pênis”. Da maneira como está, o conceito de falo encontra algumas pedras no caminho, por assim dizer. O primeiro problema é que o “pênis” é pensado como uma *invariável*: ele está ali desde de sempre, agora e para todo o sempre, no imaginário, como um órgão anatômico. Contudo, sabemos que esse discurso anatômico, o “pênis”, também tem sua história, dos gregos até Freud e os dias de hoje. Portanto, ele não é um termo *independente* da cultura.

Inicialmente, segundo Laqueur (2001), durante as primeiras formulações teóricas dos gregos e romanos antigos, o pênis era o elemento para o modelo de sexo único. A mulher teria o pênis invertido (para dentro). Assim foi a interpretação do corpo “sexuado” até o século XVIII, quando a política do Iluminismo inaugurou o modelo de incomensurabilidade dos sexos. Nesse momento, o pênis deixou de ser o elemento para se tornar um elemento, dentre dois – o pênis e a vagina (com o útero, as trompas, os ovários), apesar de nada nas descobertas anatômicas justificarem, na época, precisamente essa posição. Dos dois modelos, para Laqueur, não importa a “anatomia em si”, senão como que culturalmente é atribuído gênero aos dois modelos de sexo. Em outras palavras, o autor quer dizer que, além do gênero ser construído, o “sexo” também é.

Entretanto, os dois modelos de “sexo” continuaram existindo, e Freud seria o discurso que apresenta a maior tensão entre os dois. Sujeito do Iluminismo, ele herda o modelo da diferença sexual, apesar de considerar a libido assexual e o clitóris a versão feminina do pênis (LAQUEUR, 2001 p. 278). Criticamos particularmente essa interpretação que Laqueur faz do discurso freudiano, pelos mesmos argumentos que ele utiliza em sua análise dos anatomistas iluministas: “Dois sexos incomensuráveis eram e são, tanto os produtos da cultura como era e é o modelo de sexo único” (ibid 2001 p. 193). No ensaio freudiano que Laqueur utiliza, encontramos que “(...) a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher” (FREUD, 1996a, p. 207). Quanto ao órgão genital, somente existiria o masculino em relação aos *dois sexos* – e aqui parece que estamos no ápice da tensão do pensamento freudiano, entre antiguidade e iluminismo: o “(...) fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (FREUD, 1996b, p. 158).

Com essa última citação de Freud, o conceito de “falo” se torna problematicamente ideológico: a primazia é do “pênis” ou do “falo”? Parece não importar qual, sendo que o importante é que essa

primazia estabelece a diferenciação sexual. Em outra citação da mesma época, Freud diz que “(...) nos tornamos mais claramente conscientes que antes, de que o desenvolvimento sexual de uma criança avança até determinada fase, na qual o órgão genital já assumiu o papel principal. Esse órgão genital é apenas o masculino, ou, mais corretamente, o pênis” (FREUD, 1996c, p. 194). Essa confusão, entre “pênis” e “falo”, é própria da ideologia, e tem uma dívida ideológica com a naturalização do modelo de sexo único e, concomitantemente, do modelo de sexo incomensurável: não importa qual, o pênis ou o falo, um modelo ou outro, em Freud o sexo determinaria as identificações de gênero, em uma verdadeira sociodicéia ontológica de dominação do masculino lastrado ao “pênis”.

Sabemos através de Butler que as coisas não são bem assim. Segundo a autora (2003), o gênero não é uma superfície passiva a partir da qual um gênero é colado de acordo com o princípio da identidade: homem ou mulher. A autora subverte a identidade e a ontologia dos “órgãos”, dizendo que o “sexo” “(...) é uma significação *performativamente* ordenada” (2003, p. 59) embalada pela matriz heterossexual, que equivaleria a uma “(...) inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (2003 p. 215-216n). Apesar do sujeito freudiano derrubar a identidade com o conceito de identificação inconsciente, fica claro o primado ontológico do “falo” ligado ao “pênis” para justificar ideologicamente a diferença sexual falocêntrica.

### **Sobre o amor e o falo**

O segundo ponto falho do nosso trabalho precedente não atentava para a presença da ideologia no conceito freudiano de falo, ou melhor, para a ligação entre o discurso ideológico sobre o amor influenciando a dominação de gênero. Um pouco mais amadurecidos, poderíamos associar o conceito de falo na articulação com outros conceitos, como o de Complexo de Édipo, o de castração e o de narcisismo, principalmente, percebendo que esses conceitos, cruciais para Freud, formam uma *explicação sobre o amor*. Contudo, não temos como tratar de toda essa articulação no espaço de um artigo, ficando somente com a relação de “amor” e “falo”.

Em um de seus mais famosos ensaios, os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o mesmo texto utilizado por Laqueur, Freud associa a ligação impelida pelo outro social em direção ao sujeito com o “amor”, na “fase de amamentação”. Freud mesmo argumenta contra a suposta crítica que viria em relação a essa sua posição ideológica: “Talvez se queira contestar a identificação do amor sexual com os sentimentos

ternos e a estima da criança pelas pessoas que cuidam dela, mas penso que uma investigação psicológica mais rigorosa permitira estabelecer essa identidade acima de qualquer dúvida” (FREUD, 1996a, p. 210). Vemos um Freud embriagado com a idéia do “amor”.

Nada prova que o “amor” já é existente no infante pela simples justificativa de sua ligação com a mãe. Se assim fosse, estaríamos diante de um amor pré-social, em um sujeito metafísico. Procedendo assim, Freud naturaliza o amor na pura ligação humana, a qual não é necessária.

Se a ligação humana fosse sociologicamente necessária, não teríamos duas grandes guerras mundiais e não teríamos Durkheim com o *Suicídio* e seitas suicidas como o Movimento Pela Restauração dos Dez Mandamentos. O “amor” também não é necessário: talvez não sejam poucas as comunidades em que ele não existe, apesar de existir a ligação social. Um exemplo de cultura sem o nosso conceito de “amor” é a “Na”, localizada na China.

Em duas passagens, Freud incorpora um discurso coletivamente ideológico sobre o amor em suas elaborações sobre o falo: “(...) ora, devido à influência de sua inveja do pênis, ela perde o prazer que obtinha da sua sexualidade fálica. Seu amor próprio é modificado pela comparação com o equipamento muito superior do menino e, em conseqüência, renuncia à satisfação masturbatória derivada do clitóris, repudia seu amor pela mãe (...)” (FREUD, 1996d, p. 126) e “Seu amor estava dirigido à sua mãe fálica; com a descoberta de que sua mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto, de modo que os motivos de hostilidade, que há muito se vinham acumulando, assumem o domínio da situação” (ibid).

O que nos interessa nesse momento é a relação de poder que o discurso ideológico sustenta, qual seja, a de dominação masculina. O ciclo vicioso da ideologia dá muitas voltas. A menininha não tem o equipamento ideologicamente superior do menino, renunciando a sexualidade clitoridiana e repudiando a mãe. Era um “amor-próprio” modificado e era um “amor” repudiado. Todas essas modificações e repúdios em relação ao “amor” naturalizado são realizados a expensas de uma questão peniana / fálica, que, por sua vez, também é naturalizada. O amor pré-social que causa a ligação da filha em direção à mãe é desfeito porque era um amor “ilusório” pela questão fálica. O “verdadeiro” amor da menininha é pelo pai, que possui um falo bem grande, na saída do Complexo de Édipo.

Como se fosse natural. Como se o sujeito não estivesse implicado em uma relação de dominação ideológica, em que um “termo anatômico” determina a cultura. Como se um fenômeno cultural, social e historicamente datado, como é o “amor”, fosse existente desde sempre, e para

sempre. Coloquemos a *dominação* nas elaborações freudianas e veremos a importância de uma revisão epistemológica, teórica e metodológica da psicanálise. Uma revisão, obviamente, iniciada pela crítica do termo “amor”, que se faz confundir pela própria ligação social, forcluindo do âmbito teórico outras sociabilidades que não aquela do “amor”.

## Conclusão

O discurso ideológico sobre o “amor”, que naturaliza o fenômeno cultural, social e histórico do “amor”, apresenta efeitos sobre a materialização performativa dos corpos engendrados. São efeitos de dominação ideológica de gêneros, no caso aqui tratado, de dominação masculina. Um discurso que Freud não se furtou em incorporar em seu texto, aqui analisado na relação de “amor” e “falo”.

O texto, por sua vez, vai influenciar a prática social da ideologia, eternizando a dominação. Nosso trabalho crítico e dialógico foi tentar desmontar o discurso pré-social do amor e identificar nele o que ronda de *dominação* nos gêneros.

## Referências

BUTLER, Judith, **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FRANCISCO, Augusto César. O falo é igual ao pênis? Considerações críticas sobre uma equação ideológica. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 5., 2005, São José dos Campos. **Anais do V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação**. São José dos Campos: Editora da Universidade do Vale do Paraíba, 2005.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Obras Completas**. Volume VII. Rio de Janeiro, Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: **Obras Completas**. Volume XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: **Obras Completas**. Volume XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1996c.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 [1932]) In: **Obras Completas**. Volume XXII. Rio de Janeiro, Imago, 1996d.

SOUSA FILHO, Alípio de. **Medos, mitos e castigos**: notas sobre a pena de morte. São Paulo: Cortez, 2001.